

## **Memórias da Negritude: o movimento popular na periferia de Olinda como Patrimônio da EJA**

Maria Conceição da Silva<sup>1</sup>

### **Memories of Negritude: the popular movement on the outskirts of Olinda as a Heritage of EJA**

Eu peço Agô, licença ao Exu, Senhor da Comunicação, para essa comunicação do dia de hoje. Peço licença também à nossa ancestralidade negrindia e a todas e todos que vieram antes de nós construindo essa luta.

A África é o berço da humanidade. O Brasil é o segundo país mais negroide fora de África. A Região Nordeste é a região mais negroide dentro deste Brasil. Pernambuco o estado com a maior diversidade cultural negrindia do país e Olinda<sup>2</sup> a primeira capital brasileira da cultura.

Ceixa Axé nasceu de Maria José da Silva e João Benedito da Silva, em uma família de 10 irmãos. Nesta família, eu sou a sexta filha. Hoje somos seis irmãos vivos e aprendemos, logo muito cedo, a lutar para sobreviver. O meu nome Conceição é uma promessa de minha mãe, porque eu nasci muito doentinha e, se em 2019, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a nossa taxa de mortalidade infantil, medida pelo número de mortes antes de completar um ano de idade, ainda era de 11,9 crianças a cada mil nascidos vivos, vocês imaginam em 1962, ano do meu nascimento. Mas foi por questão de sobrevivência - minha mãe já tinha perdido quatro filhos antes de completarem um ano - que ela fez uma promessa com

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, atua na Educação e Cultura em Pernambuco desde a década de 80. Como professora da Rede Municipal de Olinda, em Pernambuco. Militância no Movimento Negro Unificado de Pernambuco e passou a atuar no movimento de Cultura como atriz e assistente de direção. Coordenou, em Olinda, o projeto Mais Cultura nas Escolas, visando o ensino da história e cultura afroindígena no Brasil. Em paralelo à sua vida acadêmica e profissional, começou seus estudos espirituais no Candomblé, onde foi iniciada, e é ebogmi do terreiro Ylê Obá Ogunté, o primeiro de Nação Nagô de Pernambuco, onde atualmente exerce a presidência do Centro de Cultura Afro Pai Adão. É uma das coordenadoras da Rede de Mulheres de Terreiro de Pernambuco e é uma das fundadoras da Uiala Mukaji, Sociedade das Mulheres Negras de Pernambuco. É também Yalorixá do seu próprio terreiro, o Ylê Axé Oyá Ydainã, localizado na comunidade de Sapucaia (Olinda) e preside o Maracatu Nação Leão de Judá.

<sup>2</sup> Olinda, cidade do Estado de Pernambuco, foi eleita primeira capital brasileira da cultura em 2005. A escolha foi feita por um júri composto por oito pessoas, entre representantes do Ministério da Cultura, instituições públicas e sociedade civil. O projeto Capital Brasileira da Cultura é capitaneado por uma Organização Não-Governamental de Interesse Público (OSCIP), com sede na cidade de São Paulo, criada por iniciativa da Organização Capital Americana da Cultura.

Nossa Senhora da Conceição que até os 10 anos de idade eu iria subir, vestida de anjinho, o Morro da Conceição, que é um morro aqui em Recife, uma espécie de centro cultural, um tipo de quilombo urbano, onde, lá no alto, tem a imagem de Nossa Senhora da Conceição, vendo todos os morros do entorno. Daí surge o meu nome e, esse nome Conceição, portanto, começa a entender, logo cedo, que precisava lutar.

Eu sempre estudei em escola pública e, portanto, começamos a nossa luta, pela nossa comunidade, Alto do Cajueiro, localizada em Águas Compridas, periferia de Olinda, que não tinha nenhuma escola. E para se construir uma escola tem que ter muito, muito dinheiro. É quando chega no Alto do Cajueiro, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)<sup>3</sup>, permitindo que a gente pudesse ensinar em um espaço disponível na comunidade, desde que você tivesse Magistério<sup>4</sup>, tivesse esse espaço físico e os alunos. Nós tínhamos tudo isso na nossa comunidade (eu já era professora, já tinha o Magistério, curso no qual eu li e me extasiei com Paulo Freire pela primeira vez, e era, à época, Presidente da Associação de Moradores). No entanto, o único espaço que nós tínhamos disponível naquele momento, era um terreiro de candomblé inativo, cujo pai de santo, Seu Zé da Mata, tinha morrido.

Com essas premissas, nós fomos à Prefeitura de Olinda, mostramos o que tínhamos, que precisávamos ter uma alfabetização de adultos na comunidade, levamos a relação com o nome dos alunos, o espaço físico e, assim, criamos a primeira sala de aula no Alto do Cajueiro, comunidade, na época, de extrema violência e palco de grande extermínio de jovens negros. Como naquela época também já existia um preconceito com relação ao espaço físico de um terreiro, alguns alunos não queriam participar. Foi para ampliar a participação das pessoas, que começa a nossa primeira luta pela construção de uma escola na comunidade, uma Escola Municipal. Conseguimos construir a primeira escola municipal no bairro, que existe até hoje e até hoje é a única, escola Cleide Betânia, e isso marcou a nossa primeira luta pela Educação.

Como as coisas na nossa vida não acontecem uma por uma, acontecem todas ao mesmo tempo, nesse momento da construção da escola Cleide Betânia, acontecia também o movimento pela moradia, o movimento pró-favela e a luta pela criação de um partido político que representasse os trabalhadores. E nós, presidindo a associação de moradores do bairro, participávamos ativamente de todas essas lutas. Foi, pois, nesse contexto de luta intensa que conseguimos formar a primeira turma de alfabetização de adultos na comunidade, e, para além, conseguimos que a escola fosse municipalizada.

Sentindo o gostinho da luta, até porque não podia ser diferente, a gente começa a militar no Movimento Negro Unificado. Na época, tinha muito mais mulheres no movimento que homens. Todas elas ainda na luta até hoje. Por isso, nós começamos a ver que esse movimento precisava ter a nossa cara, nosso jeito de mulher. Conseguimos, assim, por meio do Movimento Negro, fortalecer a luta pela nossa identidade.

Quem somos nós mulheres negras? A gente precisa compreender que quando começam a ensinar para gente que o Brasil foi descoberto em 1500, e é isso que a gente estuda nos nossos livros didáticos, nós já tínhamos toda uma história, línguas, culturas, tudo aqui desenhado. Descobrir o que, se o Brasil já era Pindorama? Se tomarmos como eixo Olinda, poderemos dizer que essa dita descoberta foi, em realidade, uma invasão, e Olinda, que era a Marim dos Caetés, sendo os Caetés a Nação Indígena que nela habitava quando da chegada dos europeus, é a prova viva da existência de uma cultura rica e anterior dizimada pelos invasores. E se continuarmos, ao longo do nosso caminho, nós vamos encontrando outras Nações aqui em Pernambuco, a

---

<sup>3</sup> O MOBRAL, programa criado em 1970 pelo governo federal no contexto do regime militar, propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos e tinha como objetivo erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. No entanto, as metas do programa ficaram longe de ser atingidas, principalmente porque a sua proposta pedagógica tinha como preocupação principal apenas o ensinar a ler e a escrever, sem nenhuma relação com a formação do homem.

<sup>4</sup> Magistério é um curso técnico de nível médio que habilita professores no Brasil para lecionar

Nação Tabajara, a Nação Caetés, a Nação Itamaracá, todas dizimadas, mas ainda hoje temos a resistência de nove Nações Indígenas na luta pela sobrevivência.

Portanto, se formos falar da formação do povo brasileiro, de indígenas, brancos e negros, não podemos esquecer que na raiz desta formação há violências e genocídio. Temos que fazer uma ligação com o Brasil de hoje para poder compreendermos o que aconteceu nessa trajetória.

Na escola, nos nossos livros, que os negros vieram para o Brasil. Nós não viemos para o Brasil. Nós fomos sequestrados e sequestradas. Quando a gente vai, a gente arruma a mala, a gente coloca tudo que nos interessa e deseja dentro de uma mala, e viaja. Desta maneira, sim, você pode afirmar que vai para algum lugar. Mas quando você é sequestrado ou sequestrada, tudo que você traz é no seu Ori, - que significa “cabeça” em Iorubá, e é o seu Eu Sagrado, o primeiro Orixá a ser louva

do - e no seu coração. Não tem outro jeito de arrumar a mala. E assim constatamos que essa nossa história está sendo muito mal contada. Os nossos livros ignoram até mesmo a parceria profunda que houve entre negros e índios, de completa união, por conta da própria situação de violência que estava sendo vivida naquele momento. Portanto, a formação do povo brasileiro e de Olinda não aconteceu do jeito que os livros didáticos contam e nós temos obrigação de recontar essa história.

Quando descobrimos essas negações todas, isso sim uma descoberta, começamos a perceber que a Educação é a única forma que nós temos para mudar. E, aqui, volto a lembrar de minha sábia mãe, que foi a maior incentivadora dos meus estudos, e dizia sempre: “Minha filha, estude, porque a única coisa que ninguém pode fazer por você, mas também ninguém pode tirar de você, é o estudo”.

Percebemos tudo isso, e compreendemos que a escola, quando quer, é um espaço de ação libertadora, mas pode ser, igualmente, um espaço de total destruição da pessoa. Porque, como diz o poeta França de Olinda, “as palavras, mesmo mortas, elas matam”. E como elas matam! E nós, mulheres negras, crianças negras, adolescentes negros, dentro desta realidade de violentas negações e invisibilidades, sabemos que não é muito fácil. Aliás, não é nada fácil. É difícilimo!

Digo sempre que, para que nós compreendamos essa realidade mais completamente, precisamos estar dentro dos movimentos sociais. Foi dentro do Movimento Negro que nós começamos a ver que a Arte e a Cultura, olha Paulo Freire chegando na nossa vida, fazem essa ligação com a autonomia nas relações humanas. Porque a nossa cultura é a nossa Anima, é nossa alma, é o nosso brilho, a nossa cor, é a nossa ancestralidade, é o que nos eleva, espiritualmente falando.

Assim sendo, nesse momento, criamos o primeiro grupo de Teatro Negro em Pernambuco, o Abibimã, gestado no seio do Movimento Negro. Começamos, através do professor e teatrólogo Joacyr de Castro, que era contemporâneo de Paulo Freire e também foi preso na ditadura militar, a fazer um Teatro aplicado à Educação. Essa experiência foi maravilhosa, porque nós partíamos da realidade do aluno e da realidade da escola. Não precisávamos encenar em um teatro fechado. A gente recebia da escola o tema gerador, o transformávamos, e encenávamos na escola. Naquele momento, professores, alunos, todos os funcionários, a comunidade do entorno, assistiam e participavam juntos. Depois nós voltávamos e fazíamos uma conversa. E esse material, rico, divertido, político, baseado na realidade do aluno, que antes já tinha sido conversado com os professores e professoras, servia como material didático para a escola.

O Abibimã foi o pontapé inicial, mas o Teatro, uma das minhas paixões, e Joacyr de Castro, permaneceram na minha trajetória por um longo tempo. Assim, nós percorremos juntos várias cidades do interior aqui de Pernambuco com esse Teatro aplicado à Educação, uma forma lúdica e prazerosa de ensinar, de recontar nossa história, de levar ao nosso povo, o canto, a música, a dança e mostrar para eles as possibilidades que nós temos. Por meio da Arte e da Cultura, mobilizamos, educamos e reinventamos o nosso fazer pedagógico.

Nesse momento, eu fico grávida. E vocês sabem que, na maioria das vezes, não todas as vezes, com honrosas exceções, mas na maioria das vezes, quando você diz, estou grávida, o homem diz, estou fora! E aí você tem que reordenar sua vida para criar seu rebento sozinha. Mas isso faz parte da vida da mulher negra. Conheço várias que estão lutando para criar seus filhos sozinhas. E nessa sociedade, pobreza tem nome e sobrenome: é Maria Mulher Preta Periférica. É muito simples. Mas isso não nos tira a garra, não. Parece que quanto mais provocadas, mas a gente vai buscar força na nossa ancestralidade e vira o jogo e reage.

Em Olinda, começamos, também através do Movimento Negro, a criar um movimento cultural muito forte, que já existia, mas que nós agregamos outros valores. Essa foi a nossa reação. Participamos da criação de um dos primeiros Afoxés da cidade, o Alafin Oyó. O Afoxé é o Candomblé na rua, é um símbolo da religiosidade, através da musicalidade, das danças e da mitologia africana, na rua.

E esse movimento aconteceu aqui no centro da Olinda Patrimônio. Saibam que existem várias Olindas. Existe a Olinda patrimônio, que é totalmente cartão-postal, branca e rica. Existe a Olinda periferia, que é onde acontecem as produções culturais populares, onde estão os artistas populares. E a Olinda Rural, que é ainda onde acontece, ainda que simples, a produção agrícola familiar da cidade.

Então a Olinda que faz acontecer está na periferia, como sempre está, em quase todos os centros urbanos. Fazíamos, portanto, acontecer na periferia e trazíamos para o centro e o Afoxé obedecia a esse fluxo. Nós trazíamos o afoxé para o centro, realizávamos oficinas, discussões e, posteriormente promovíamos uma grande festa, porque nós sabemos que a festa também alimenta a nossa alma, o nosso ser.

Ainda na década de 90, eu já era servidora da Prefeitura de Olinda, foi criado o CEJA, Centro de Educação de Jovens e Adultos. Como a professora Mabel Cavalcanti expôs, eramos fundamentados na Pedagogia Freireana e coordenados pelo professor João Francisco de Souza, com quem, na época, fazíamos a nossa especialização em Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores, na qual apresentei uma monografia sobre Estudos Culturais para Jovens e Adultos.

João Francisco (*In Memoriam*) foi professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e teve larga experiência na área de Educação, atuando em temas como movimentos sociais, pluriculturalidade, interculturalidade, além da educação de jovens e adultos, sob a perspectiva da Educação Popular e da Pedagogia Freireana. Foi nessa especialização que tive a honra de conhecer Paulo Freire pessoalmente, pois ele participou de vários eventos culturais realizados pelo CEJA.

Com o CEJA, voltamos àquela experiência do passado do Teatro aplicado à Educação e fizemos um movimento muito lindo aqui em Olinda, na periferia de Peixinhos. Peixinhos é um quilombo urbano riquíssimo, com várias expressões culturais, com um povo de muito talento. O talento brota de cada ser e quando oportunizamos através da Educação esse fazer, conseguimos perceber a diferença, a mudança que acontece em cada um de nós, e em cada um e cada uma de nossos alunos.

Essa foi uma experiência que nós criamos no Centro de Educação, compreendendo as necessidades dos alunos da EJA. Portanto, esse Centro de Educação funcionava manhã, tarde e noite, porque nós compreendemos que o nosso aluno precisa dessa flexibilidade, já que muitos trabalham à noite e ficam totalmente prejudicados quando a escola oferta somente um horário, geralmente à noite.

Nós vimos que nós precisávamos fazer a diferença em Olinda, a primeira capital da cultura negra. Percebemos que a escola não pode ficar distante desse fazer cultural e popular. Então foram essas premissas que construíram o Centro de Cultura da EJA, um trabalho bellissimo, avaliado por todos que participaram dele, tanto professores, quanto alunos e coordenadores. Constatamos a diferença e compreendemos que um trabalho desse tipo, não poderia, nem deveria parar. Mas, infelizmente, as coisas vão mudando e nós vamos tendo que reordenar, recriar, reorientar.

O fato é que quando nós fizemos nossa especialização em Educação de Jovens e Adultos e vivenciamos essa experiência do Centro de Educação, vimos que estávamos no caminho certo, porque a pedagogia Paulo Freire acontecia naturalmente, ludicamente, como deve acontecer. Quando encontramos Paulo Freire e ele fala de conscientização, nós nos identificamos e reconhecemos de imediato e constatamos que é necessário, para além das leituras acadêmicas, transformar essa ação. Como é que a gente pode transformar a teoria em ação? Simples: mostrando ao nosso povo que é possível, se soubermos esperar e viver essa autenticidade na prática de ensinar-aprender, como Freire sempre ensinou.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1996, p.26)

Em paralelo, começamos a luta, agora para além do Movimento de Educação, no Movimento de Mulheres, porque nós percebemos que, nós, mulheres negras precisávamos estar mais organizadas. E aqui eu aproveito para lembrar que o mês de julho é o mês das pretas, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha e da nossa heroína, líder de quilombo, Tereza de Benguela. A vida não se detém para a mulher negra trabalhar, fazer o mestrado, fazer especialização e o resto da sua casa esperar. Tudo acontece ao mesmo tempo. Essa transformação e essa ação acontecem diariamente.

Então, já participando ativamente do movimento de Cultura na cidade de Olinda, já com a nossa escola construída, começamos a nossa luta com a Sociedade de Mulheres Negras, a Uiala Mukaji, porque nós vimos que nós precisávamos ter a nossa voz, nosso lugar de fala, mesmo dentro do movimento negro, mesmo dentro do movimento cultural, mas nós mulheres precisávamos ter o nosso lugar de fala assegurado. Recebi o convite para participar da minha irmã Vera Baroni, uma guerreira que há muito está na luta, que me convidou para fazer parte e compor essa Rede de Mulheres Negras de Pernambuco.

Não é fácil termos nosso lugar de fala, porque a nossa sociedade é racista, classista, machista, homofóbica, lesbofóbica e antiambientalista. Mas somos nós quem fazemos a nossa sociedade. Então cada um de nós tem um pouquinho ou, senão, muitos desses preconceitos. É por isso que o racismo continua perverso, continua acontecendo no dia a dia, a cada momento, e é multifacetário. Eu costumo dizer, que o racismo é como a fome. Só sabe quem sente e mata sem sangrar.

E a escola, como já explicitiei, que deve ser o espaço de conhecimento, também pode ser o espaço de travação do conhecimento e, muitas vezes, não está muito preocupada com o libertar. Por isso, se faz necessário que cada um e cada uma, olhe para o seu interior, para o seu umbigo e, enquanto profissionais de educação, enquanto intelectualidade pensante, que todo professor e toda a professora é, reveja seus conceitos, suas práticas e seus valores. Porque, se não revermos nossas práticas, o racismo começa a se naturalizar em todos os espaços. E aí a gente começa a, diante de uma prática racista, ouvir relativizações como “Ah, mas que bobagem, que besteira. Não. Não foi isso não, não é? Não foi isso que ele quis dizer. Ele estava brincando.”

E como é trabalhar esse racismo, impregnado nas pessoas, dentro do espaço educativo, que deveria ser o espaço do conhecimento? A primeira coisa é cada uma de nós, cada um que está ouvindo, está vendo, desenhar sua árvore genealógica. Desenha tua árvore, pelo menos do teu bisavô para cá. Você vai se encontrar, se reconhecer, porque muitas vezes, a quantidade de melanina que você carrega hoje não conta tua história. E você pode estar se achando, morena, mulata, jambete, ou as quarenta e tantas denominações que o IBGE oferece para que você negue sua negritude. E aí a gente começa a ouvir: “Não sou negra, não, eu sou morena escura. Eu sou... eu sou... eu sou...”

Na realidade, a escola precisa fazer dois Projetos Político Pedagógicos (PPP). Eu costumo dizer para nossas professoras, que nós precisamos fazer dois PPPs em um. Um PPP Projeto

Político Pedagógico e o outro PPP com olhar no Pobre, Preto e Periférico. Se você começar a preparar esse seu olhar, você vai começar a mudar o seu currículo, você vai começar a ver que vai acontecer uma verdadeira docência e discência. E essa luta para o reconhecimento de cada um, é uma das lutas da Uiala Mukaji.

Nessa luta no Uiala Mukaji, eu começo a perceber também que, diante de tantos estudos negros, tanta identidade negra, faltava a minha espiritualidade. Por que? Porque eu compreendo que nós somos um espírito no corpo e não um corpo no espírito vagando por aí. É o contrário: nossa espiritualidade nos rege.

Nesse momento, eu perguntei a mim mesma, e provoço sempre da mesma maneira as companheiras e companheiros do Movimento, porque adoro fazer provocações: Negro que não sabe nem mesmo quem é seu Orixá está por fora, distante da realidade do nosso povo mesmo.

Não podemos esquecer que durante muito tempo na nossa história, o negro só podia entrar na igreja para limpar ou para ser obrigado a se batizar. Nós sabemos que a Igreja Cristã tem sua cota de responsabilidade dentro da nossa história de racismo, de invasões e de torturas. Ainda estamos vendo hoje o nosso povo, morrendo, tanto negros quanto indígenas, em nome de um Deus que não é o que nós acreditamos.

Portanto, eu ficava muito incomodada em estar dentro do movimento, ainda vivenciando vários valores da Igreja. Já que, para ter o nome de Conceição e ser afilhada da Nossa Senhora, eu passei muito tempo na igreja, fui batizada, fiz primeira comunhão, todo aquele processo, que quase todas nós, de uma maneira ou de outra, passamos. Sem contar que, antes da minha militância no movimento, eu participei, por cerca de cinco anos, do movimento protestante na Igreja Batista do Guadalupe. Estudei a Bíblia, vi todas as benesses que tem dentro da igreja e vi também todas as coisas que me fortaleceram quando eu constatei que eu não me reconhecia, eu não compreendia Deus desse jeito, eu não acreditava nessa forma. E como eu não sei fazer de conta, que eu não sou de esquentar banco de igreja e fazer da Bíblia desodorante debaixo do braço, abracei a minha realidade. E a realidade era: a Igreja Cristã não supre as minhas necessidades espirituais.

Dizem os sábios que existem duas formas de você ir para um terreiro: ou chega pelo amor ou pela dor. E eu fui pelo amor e pela curiosidade. Eu me questionava: “Eu não acredito que eu, estudando tanto, vendo e vivenciando tantas coisas, não saiba ainda quem é meu Orixá. Eu preciso saber de quem eu sou filha, quem é meu Orixá”. De que adianta todo esse estudo se a pessoa não o conecta ao seu sagrado?

Foi quando conheci o Candomblé. Fui levada, inicialmente, pela minha irmã Sônia, que é mais nova que eu, mas era quem, à época, me incentivava a ir para os movimentos. Foi ela quem me apresentou o Movimento Negro, foi quem me mostrou o Movimento Cultural, porque ela é uma excelente compositora e até hoje várias pessoas cantam composições dela no Afoxé e nem sabem que são dela.

Depois dessa peregrinação religiosa, fui me informar quem era meu Orixá no Ilê Obá Ogunté, que é um terreiro de Nação Nagô, com 145 anos, fundado por uma mulher, Ifatinuké, uma negra nigeriana que veio, essa sim veio, arrumou a mala e veio para o Brasil com recursos próprios, com dinheiro, e criou aqui o nosso terreiro. Assim, espiritualmente, nós também estamos na resistência.

O que me encantou dentro do candomblé foi perceber que somos adoradores, adoradoras da Natureza. Isso me encantou demais, porque comecei a perceber que a Terra é Sagrada. Percebo tanta gente que nem consegue pisar no chão porque acha que a Terra é suja! A gente começa a perceber que a Terra é Sagrada. Basta você parar um pouquinho para observar. Se você colocar uma semente na Terra, regar, é inevitável você dali ver surgir uma nova vida. Isso acontece porque a Terra é mágica, porque a Terra é Mãe, porque a Terra acolhe. Isso me encantou demais!

Aprendi que a Terra e todos os seus reinos, o vegetal, o animal, o mineral são sagrados. Descobri essa relação essencial para a vida: eu contendo e estou contida no Sagrado. Não é uma coisa distante de mim, inatingível, que eu só teria alguma aproximação depois de morta. Não,

era ali, no momento, na hora. Além disso, toda a musicalidade que você começa a sentir dentro do Candomblé é muito energética e ancestral.

Minha vó Santana, que eu nem conheci, era rezadeira e parteira, e era quem dava esse suporte na Comunidade. Pois, anos depois, quando chego no Candomblé, e o meu Babalorixá Manoel Nascimento Costa<sup>5</sup>, a quem peço a benção, joga os búzios para mim, e pergunta imediatamente: “Você tem alguém da sua família que seja do Candomblé?” Eu respondo que não, que eu saiba não. E ele continua e me informa que o meu Orixá, segundo o jogo, é uma herança. Passo a perguntar em casa se alguém da família tem essa informação. Mas essa memória está invisibilizada.

Foi por isso que eu fui investigar minha árvore genealógica e lá encontrei a minha vó Santana. Familiarmente, os parentes, tios, já diziam: “Essa menina parece muito com Santana”. Tenho, enfim, a confirmação espiritual de que faz parte da minha missão ter a minha avó, através do Orixá que ela cultuava. Isso é muito lindo. Isso é muito energético. É muito vital. É muito de fazer viver.

No Candomblé, descubro que sou filha do Orixá Iansã, a mulher guerreira, e do Orixá Xangô, senhor da Justiça. Diante dessas descobertas, reconheço, finalmente, as razões de alguns dos meus comportamentos. Sou Fogo com fogo. Fogo com fogo é luz pura. No Candomblé, eu comecei a perceber tudo isso e a ver o valor que nós temos.

Foi o Candomblé que segurou o africano escravizado em Terras Brasilis. Foi todo o conhecimento que ele tinha no Ori e a sua Força Ancestral. Porque apesar de todas as chibatadas, todos os sofrimentos, que não convém relatar aqui porque nem de perto a gente consegue imaginar o que aconteceu na realidade, ele tinha esse religar com a Natureza, esta conexão com o Sagrado. Esta ligação ancestral ainda hoje nos faz fortes, nos faz compreender uma força que não conseguimos decifrar, muito menos falar de onde vem, como surge, de onde é. Recebemos a compreensão de que nossa fé não é para depois de mortos entrarmos no paraíso. A nossa fé é hoje. É nossa vida, nossa força e fortaleza. Damos, compartilhamos, pedimos e recebemos hoje, nesta existência.

Desta forma, foi no Candomblé que eu aprendi a ser forte. Aprendi a compreender o racismo religioso na nossa sociedade. Por que? Porque já venho de uma família espiritual, porque nós somos família, meu pai, a minha mãe, a minha vó, todos guerreiros, lutadores da nossa comunidade e vencedores e vencedoras neste fazer do ensinar e do aprender.

A nossa universidade, a nossa história, nossa grande universidade e nossa grande escola de aprendizado está dentro do terreiro. O terreiro é um dos espaços de acolhimento das comunidades mais carentes. Qualquer pessoa que chega em um terreiro é muito bem acolhida. Nós conseguimos perceber as pessoas para além da aparência física, para além desse corpo mortal, com ossos, carne e gordura. Conseguimos ver a essência vital que está em cada pessoa. É por isso que não importa a opção sexual, o passado da pessoa, seus bens materiais, sua posição social, o importante para nós é aquele Ser que ali está precisando e desejando ser conectado. O Candomblé, diferente de muitas religiões, não sai atrás de você. Sua energia, seu espírito é que buscam o lugar e, naquele lugar, é que você se encontra. Não precisamos fazer catequese.

Temos que reconhecer nossa história. Devemos compreender que a Igreja Cristã, durante muito tempo, negou toda e qualquer forma de humanidade nossa. Torturas e violências foram permitidas, praticadas e realizadas em nome de um Deus, alinhado aos interesses econômicos e políticos de alguns. Ainda são até hoje. E a escola, parte desta mesma sociedade, também nos negou e ainda nega. Não podemos desacreditar disso.

---

<sup>5</sup> O Babalorixá Manoel Nascimento Costa, 80 anos, mais conhecido como Manoel Papai, é o atual responsável pelo terreiro mais antigo de Pernambuco, o Ylê Obá Ogunté, fundado em 1875 e conhecido como Sítio de Pai Adão. Manoel Papai é neto de Pai Adão, que foi Babalorixá junto com a fundadora do terreiro, a princesa nigeriana Ifatinuké.

Mas a luta continua. Quando começamos este movimento religioso, nossos estudos espirituais, vimos que precisávamos criar a voz da mulher dentro do terreiro. Na maioria das religiões, o Candomblé é um pouco diferente, a figura masculina é o centro. No Candomblé, gostei muito dessa história de que nós precisamos da essência feminina também, para interagir, completar. A conexão se faz com a energia feminina em conjunto com a energia masculina. Não se faz nada dentro do Candomblé somente com o homem ou somente com a mulher. As duas energias se fazem necessárias. Assim é possível compreender porque, para gerar um ser humano, nós precisamos do homem e da mulher, dos cromossomos femininos e masculinos, da essência do homem e da mulher.

Mesmo assim a nossa religião foi perseguida e ainda é nos dias de hoje. O poder econômico e político hegemônico, com seu racismo estrutural, tenta até hoje “demonizar” o que é Sagrado, revelando sua total desconexão com a Natureza.

Por isso, se faz necessário que continuemos lutando. Aqui em Olinda, em 2010, foi feito um mapeamento dos terreiros de Candomblé e de Umbanda e foram mapeados pouco mais de 200 terreiros, salvo engano. Destes, 108 eram liderados por mulheres. Ou seja, a nossa voz dentro da comunidade, no espaço da nossa residência, é forte, é decisiva. É importante destacar que, diferente de algumas igrejas, dividimos nosso chão com o chão do terreiro, e dentro da periferia, o espaço onde há mais necessidades, é onde, geralmente, tudo acontece. Porque é muito fácil criar a Catedral da Sé no alto, distante da maioria. Temos que estar onde o povo está. Era isso que Paulo Freire dizia sempre. É no meio da realidade. Nós não temos como negar.

Dentro desse contexto, passamos a fazer parte da Rede de Mulheres de Terreiro, que é uma grande Rede. Portanto, temos a Sociedade de Mulheres Negras de Pernambuco, todas as mulheres, e fazemos parte da Rede de Mulheres de Terreiro, que é um outro olhar, é uma outra ação, um outro fazer. Precisamos de todas, mas a responsabilidade de uma mãe não é a responsabilidade de uma filha. Nós percebemos que o nosso povo precisa desses espaços, porque, muitas vezes, a própria família não tem como dar esse suporte, quer seja físico, mental ou espiritual. É preciso que outras forças venham agregar. E, para isso, nós, Mulheres de Terreiro, também estamos aqui na luta.

Continuando essa minha história, é importante revelar que o terreiro, como resistência cultural, está também sempre ligado a um espaço cultural brincante. Nós temos o terreiro como um espaço sagrado e temos o terreiro também como espaço cultural brincante. Isso faz parte da nossa compreensão de que dançar não é pecado, beber não é pecado, cantar não é pecado, comer não é pecado, desde que tudo seja feito em harmonia e conexão. É isso que nós buscamos repassar para o nosso povo.

O tempo vai passando, os filhos vão crescendo, a história vai se recriando e nós vamos ver que Olinda, está cada vez mais fortalecida e mais forte em ser a primeira capital da cultura negra, porque a semente que foi plantada lá no Afoxé Alafin Oyó, dá vozes a outros novos grupos de Afoxé, que estão na cidade, que estão nas comunidades, e preparam outros jovens para que percebam, resistam e combatam o racismo estrutural, a realidade violenta de que todo negro é elemento suspeito até provar que não é.

Nós não podemos permitir que a nossa juventude negra seja marcada para ser assassinada, como é a realidade brasileira, dos 15 aos 29 anos, e muitas vezes até com menos idade. Precisamos compreender que, historicamente, o branco mais branco da nossa sociedade mamou o leite negro nas mães de leite. E o ato de amamentar, não é apenas compartilhar o leite que está saindo do seu peito. Existe toda uma relação de afeto, e quem já amamentou sabe disso, que nos aproxima do ser que amamentamos. E é lembrando desse leite mamado no seio das mães pretas, que eu gostaria de dizer que a dor de uma mãe é a dor de todas as mães, o que nos leva a sentir a dor de todas essas que estão perdendo seus filhos precocemente,



inclusive, da mãe do menino Miguel<sup>6</sup>, e das mães de todas as nossas crianças, jovens e adultos que estão sendo assassinados neste momento.

Enquanto nós estamos falando aqui, a cada 20 minutos um ser negro tomba no Brasil. Nós temos responsabilidade de mudar esse cenário, como intelectuais da educação, como pessoas ativamente responsáveis por esta mudança. Por compreendemos a mensagem e a lição Freireana, nós temos de lutar para mudar esse cenário, partir para a autonomia.

Para ser negro nesse país, temos que ter autonomia, temos que ter liberdade para conhecer, para poder escolher. Por que hoje nós estamos testemunhando uma inversão de valores nas religiões? Hoje, o Candomblé está recebendo maciçamente pessoas brancas, em sua maioria intelectuais, enquanto que as igrejas denominadas neopentecostais estão lotadas do nosso povo negro, que quanto mais humilde, mais a igreja consegue cooptar.

Por que será? Qual é a nossa missão de reinventar a educação? De que forma esse fazer pedagógico, essa autonomia, pode acontecer? Porque não basta apenas decorarmos vários livros, vários autores, encher o nosso baú de conhecimentos e não partilhar esse conhecimento, e não partilhar esses saberes. Nada disso importa se não for compartilhado. Vamos morrer, vamos levar tudo. O saber só é saber quando ele é repartido, repassado, compartilhado. Assim ele transforma-se em Saber. Se não, é conhecimento de somente uma cabeça, com os seus valores, com os seus conceitos e preconceitos.

Para se mudar a realidade, é preciso que estejamos disponíveis, estejamos livres também, nos reconhecamos por inteiro. Esta disponibilidade, esta liberdade, exige que nos dispamos de nossos conceitos e preconceitos, dos nossos valores manchados de sangue, já identificados, já reconhecidos, mas que continuam presos a nós como se fossem amarras, sob as bênçãos e interesses de um sistema excludente e escravista.

É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. (Freire,1997, p.8)

E a perversidade do racismo não é apenas achar que o negro é inferior ao branco. O racismo mostra muitas outras faces. E uma de suas faces é não permitir, não desejar, que o outro seja feliz, que o outro tenha qualquer elemento de felicidade. A felicidade do outro incomoda. É como se o negro não tivesse o direito ao belo, ao bom, ao gostoso, ao saboroso. Para ele, só cabe o resto, o ruim, simplesmente porque ele carrega a cor da pele preta.

Essa é a provocação que faço. Com o objetivo de que a gente também se perceba, se veja, se reconheça, e partindo desse reconhecimento, mude. Porque se o racismo foi inventado, e hoje nós estamos discutindo sobre ele, e ele continua resistindo, é porque nós continuamos alimentando.

Igualzinho ao analfabetismo. Estamos, faz anos, nessa luta. E, nesse momento, percebemos que a Educação de Jovens e Adultos, ao invés de ser uma modalidade de caráter provisório, passou a ter caráter definitivo e a ter outro formato. Explico. Quando nós criamos a escola, lá no Alto do Cajueiro, na década de 80, o perfil dos nossos alunos era, em sua maioria, de adultos idosos, que nunca tinham ido à escola, que não sabiam ainda usar a caneta. Hoje, a Educação de Jovens e Adultos, no Brasil e em Olinda, se tornou bem mais jovem, pois já é

---

<sup>6</sup> Miguel Otávio de Santana, de 5 anos, morreu no dia 2 de junho de 2020. Ele caiu do nono andar de um condomínio de luxo, localizado no bairro de São José, no Centro do Recife. O menino estava sob os cuidados de Sarí Corte Real, patroa de sua mãe e primeira-dama da cidade de Tamandaré, em Pernambuco. A mãe do garoto, a doméstica Mirtes Renata, tinha saído para passear com a cadela dos patrões e deixado o menino sob os cuidados da patroa, que, sem paciência, o deixou entrar no elevador e tocou em botões que o levaram para o nono andar desacompanhado, resultando em sua queda

formada por alunos que foram traumatizados pela escola, que passaram pela escola, mas não conseguiram aprender. Isso é muito mais grave, pois esse aluno já vem com trauma.

Os nossos primeiros alunos, os idosos, que nunca tinham ido à escola, vinham com um sentimento de esperança, de felicidade para aprender. O aluno de hoje chega com um sentimento de fracasso, de que não consegue aprender, do estigma da desistência, da desesperança.

Este é um sinal que temos que realmente mudar a cara da escola. Mudar, primeiramente, a nossa cara, para conseguirmos mudar a cara da escola. Principalmente, porque sabemos que educação é poder. E o poder não é permitido e nem compartilhado com todos nesse sistema que vivemos. Se educação é conhecimento e conhecimento é poder, está no imaginário coletivo que nós, negros e periféricos, não temos esse direito. Por essa razão, temos que rever a Educação e voltar sempre a Paulo Freire, que sempre conectou o analfabetismo a esta realidade social injusta.

“Para a concepção crítica, o analfabetismo nem é uma “chaga”, nem uma “erva daninha” a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta”. (FREIRE,1981, p.13).

Devemos sempre, portanto, dentro desta realidade, nos perguntar: Qual a ação transformadora que nós vamos fazer? Como é agora o nosso fazer pedagógico? Não devemos ignorar que, nessa pandemia, estamos vivenciando mais um fator excludente: os nossos jovens e os nossos adultos, para além do analfabetismo escrito, estão sofrendo com o analfabetismo tecnológico. Muitas vezes, quando possuem a ferramenta, não a dominam.

Necessitamos, portanto, de um novo olhar, que cabe a universidade rever, cabe a cada um de nós rever, sobre o nosso fazer pedagógico, que passa pelo reconhecimento de si mesmo e reconhecimento da realidade social, para compreender de que forma nós vamos reelaborar a nossa prática pedagógica, a fim de obtermos vitória, de verdade, para todos e para todas.

Diante disso, o nosso Ilê, nosso terreiro, nossa espada de fogo do orixá Oyá, o Ilê Axé Oyá Ydainã, que está, por enquanto, na pandemia, resguardado, permanece a todo vapor, servindo a esta missão sobre a qual discorri aqui até o momento. Assim como também está viva e pulsante a nossa brincadeira de terreiro, nossa resistência na rua, o Maracatu Nação Leão de Judá, que faz 45 anos de fundação neste ano de 2021. Conseguimos ressuscita-lo agora, confeccionamos novos instrumentos, para que os nossos jovens da Sapucaia e Altos ao redor tenham um lugar para pensar e sonhar, que é isso que ninguém pode tirar da gente, o nosso direito a sonhar e sonhar com liberdade, a liberdade ensinada pelo nosso amado Paulo Freire.

Neste tempo de pandemia, desejo que nós nos repensemos, porque estamos lidando com uma doença que não abala apenas o nosso físico, ela mexe com nosso mental, o nosso espiritual e o nosso econômico. Mas o nosso espiritual, ela abala de uma forma que se nós não estivermos conectados com o nosso sagrado, tombamos. E, pelo exemplo dos que vieram antes de nós, não viemos aqui para tombar.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'Água. 1997.
- FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos – crítica de sua visão ingênua compreensão de sua visão crítica. In: FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981, p. 11-20.